
RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO: SAÚDE PELA OBEDIÊNCIA

Hilton Figueiredo de Oliveira

INTRODUÇÃO

Minha expectativa ao produzir este ensaio é, principalmente, incentivar a discussão sobre a relação masculino-feminino, mediante boa base bíblico-teológica, para assim alcançarmos saúde e obediência.

Desde já, parto do pensamento de que os muitos séculos de animosidade, discórdia, exploração e desrespeito mútuo, culminaram no estado de coisas que vemos hoje: ambos, homem e mulher, querendo provar que são melhores e mais capazes do que o outro.

Os evangélicos brasileiros, frutos, predominantemente, do esforço missionário das igrejas norte-americanas, trazem consigo vícios e distorções, bem como virtudes e qualidades, herdadas daquela forma de cristianismo. Aliado a isto, muito de nossa discussão sobre a problemática masculino-feminino, no contexto do Reino de Deus, tem sido gerado pelas conseqüências dos movimentos "feministas", que surgiram primeiramente nos Estados Unidos. Ademais, como se isto não bastasse, as discussões sobre a situação atual têm acontecido mais por razões sociológicas do que por propriamente se tratar de uma distorção da mensagem bíblica.

Há alguns anos atrás, por exemplo, assisti, estarecido e envergonhado, um debate sobre o ministério de diaconizas. Não podia acreditar no que ouvia. Ministros de várias partes do Brasil discutiram, durante horas, sem sequer uma vez estarem baseados no conteúdo bíblico. Os argumentos foram bastante variados. Porém, todos careciam de embasamento bíblico-teológico. Afinal, o que é que determina e traz luz a nossa reflexão? O que é que dá solidez a nossa argumentação? O que é que motiva nossas decisões? Embora o contexto no qual vivemos não deva e nem possa ser desprezado, ele não pode ser o fator determinante na lógica de argumentação que usamos. Antes, a nossa sociedade servirá de termômetro para nos alertar quanto aos problemas que se evidenciam como problemas pelo fato de crermos que Deus deseja uma realidade que deveria ser diferente.

Na expectativa de que possamos, partindo de um estudo sério e profundo, analisar o projeto de Deus, e, ao compará-lo com a nossa realidade, possamos caminhar com firmeza na implantação do seu Reino, também na dimensão da relação masculino-feminino, apresento o que segue.

1 - FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

Inicialmente, é preciso estabelecer o princípio que deverá permear toda nossa discussão. Toda e qualquer perspectiva bíblica não pode unicamente levar em conta a seqüência histórica natural. É sempre necessário considerar a seqüência criação-queda-redenção. Este princípio nos leva à simples conclusão de que aquilo que hoje temos em nossa sociedade não é o que Deus planejou. Portanto, é imperativo buscarmos, lutarmos, defendermos e obedecermos ao Criador de todas as coisas para que o ideal divino seja alcançado.

1.1 - A criação

Uma breve análise exegética dos capítulos 1 e 2 de Gênesis nos conduz à conclusão de que não há hierarquia entre homem e mulher, dentro do projeto original de Deus.

Gn 1.26-28. Notemos alguns detalhes fundamentais para a questão da relação masculino-feminino: no v.26 Deus declara que o homem, enquanto espécie (e isto inclui a mulher), foi feito à imagem e semelhança dele. É importante notarmos não apenas o caráter literário desta declaração divina, mas também o seu conteúdo ontológico. Embora Deus tenha se revelado como Pai, masculino, Filho, masculino, a palavra Espírito, na língua hebraica, é feminina. Além disso, na língua grega, a palavra usada para o mesmo Espírito está no gênero neutro. É possível concluir, com segurança, que há uma dimensão feminina intrínseca na "imagem e semelhança de Deus". Mesmo em duas culturas de fato machistas, como a hebraica e a helênica, os escritores não tiveram dificuldades em se referir à totalidade de Deus na Trindade, de forma não exclusivamente masculina. Ainda no v.26, Deus coloca sobre a espécie humana a responsabilidade de domínio, administração, controle e mordomia sobre a criação.

No verso 27, o texto bíblico é explícito: "Criou Deus, pois, o homem a sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou". Não há como entender, a partir daí, que não seja uma relação de igualdade, de equivalência, de aliança entre os sexos criados por Deus.

O verso 28 vem confirmar o acima apresentado, ao responsabilizar ambos, homem e mulher, com a tarefa de multiplicar, encher a terra e administrar a criação. Isto implica numa relação de aliança, de trabalho conjunto, de harmonia, onde não há nenhum vestígio de hierarquia, competição ou discórdia.

Gn 2. No segundo capítulo de Gênesis encontramos uma expansão de Gênesis 1.26-28. Independente da tradição literária aceita por cada um de nós, as conclusões serão as mesmas. No desenvolvimento do processo criador de Deus há uma clara conclusão do Criador: "não é bom que o homem esteja só". Esta percepção leva Deus a criar alguém que lhe seja igual, uma companheira, sócia na

aliança da administração da criação. Os detalhes desta relação são fabulosos quando consideramos a clássica afirmação dos versos 25 e 26. Primeiramente, quem deixa pai e mãe não é a mulher, e sim o homem. Num segundo momento, desta união entre homem e mulher resulta a dinâmica da aliança, da cooperação entre iguais na sociedade. E, em terceiro lugar, mais do que uma associação entre homem e mulher, o padrão bíblico é que eles se tornem um só ser. Isto só é possível porque há uma igualdade intrínseca entre aqueles que se unem.

Com esta rápida análise das narrativas da criação, podemos concluir que:

* Na ordem original criada não há uma relação de hierarquia entre homem e mulher.

* Também não há uma relação de independência entre eles. O que existe é uma aliança que gera interdependência.

* Cabe a ambos a tarefa de zelar pela criação, mantendo, assim, o ambiente sadio para que possam se desenvolver e cumprir obedientemente o mandato de Deus.

1.2 - A queda

O evento do pecado veio obstruir o caminho natural da criação, produzindo ruptura no processo de convivência harmoniosa estabelecido através da aliança de vida entre o homem e a mulher.

A narrativa de Gênesis 3 nos mostra que a associação, pela aliança, entre o homem e a mulher, era muito forte; tanto que Adão aceitou, sem muita relutância, a sugestão de Eva, comendo também ele do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não há dúvidas de que, pelo relato bíblico, Eva foi a personagem que primeiro cedeu, tendo comido do fruto. Porém, não é possível negar a responsabilidade conjunta de Adão em todo o episódio. Se ele não foi o principal culpado, foi, no mínimo, cúmplice. Adão não foi enganado, nem seduzido, nem obrigado. Ele comeu porque assim o quis.

É importante percebermos que foi com o advento do pecado que surgiram as conseqüentes distorções no projeto da criação. Assim, a princípio haverá o multiplicar do esforço da mulher ao dar à luz; e, a este esforço sobrevirá a dor (Gn 3.16). A mulher, pois, já haveria de dar à luz, e para isto teria que se esforçar. Semelhantemente, o homem, que já tinha a responsabilidade de trabalhar, cuidando do jardim, vê sua tarefa ser deformada e transformada num fardo. Não haverá mais prazer na execução de sua tarefa, mas sim, ela será dura e penosa (Gn 3.17-19).

Nesta narrativa das deformações das funções do homem e da mulher na estrutura da criação encontramos a afirmação da destruição da aliança de cooperação: "(...) o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3.16).

Somente agora, depois da queda, como conseqüência do pecado, surge a disputa e a luta por melhores posições. Walter Brueggemann conclui que "a sentença da vida longa, na aura do Éden, é uma vida em conflito, permeada de dor, suor e

com a distorção da vontade".¹

Pode-se concluir, num certo sentido, que a queda não trouxe nenhuma condição nova, não criou nenhum embaraço novo, não promoveu um novo estado de coisas. Com a queda, não há uma nova estrutura, é a mesma arena produzida pela criação bondosa de Deus, porém, agora, como uma estrutura deformada.

1.3 - Redenção

O que se pode esperar, então, dos resultados da redenção? A resposta nos parece óbvia. No entanto, no exercício do labor teológico temos percebido outra ênfase. Apesar de não ser possível fugir da conclusão de que o propósito da redenção é o restabelecimento da ordem produzida pela criação, temos sido acanhados no resgate que procuramos promover.

Já na narrativa da queda, em Gênesis 3.15, há uma voz de esperança para a transformação da situação estabelecida pelo pecado. Os profetas, por seu turno, promoviam o compromisso sério com Deus como meio de desfrutar a presença deste que, no princípio, visitara no Éden os antepassados do povo. Jesus Cristo, o Filho de Deus enviado, com afirmações contundentes anuncia a restauração da vida pela comunhão com ele (Jo 10.10). Paulo também entendia que a natureza seria restaurada (Rm 8.25). Além disso, a estrutura social urbana será resgatada de acordo com a visão da Nova Jerusalém em Apocalipse 21 e 22.

Portanto, o objetivo de nosso labor bíblico-teológico deve ser o de promover as condições e reflexões necessárias para que a igreja, como agente do Reino de Deus e promotora da redenção em Jesus, seja o carro-chefe das mudanças imprescindíveis à sociedade atual, rumo à consumação deste Reino.

2 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO ANTIGO TESTAMENTO

"A idéia básica, no Antigo Testamento, sobre homem e mulher, é que ambos foram criados à imagem de Deus, e ambos foram chamados para expressar esta imagem em suas vidas."² Porém, fato é que o povo de Israel não se manteve obediente a esta ordem. Como consequência da queda, distorções foram acontecendo na formação e na estruturação da sociedade judaica. Há, no entanto, situações geradas pela vontade de Deus na sociedade de Israel, nas quais encontramos algumas características importantes para o nosso estudo.

* Era comum a identificação pessoal ser feita através da ascendência paterna, demonstrando um valor comunitário profundo, em detrimento da individualidade (1 Sm 9.20-21).

1. Walter BRUEGGMANN, *Genesis (Bible commentary for teaching and preaching)*. Atlanta: John Knox Press, 1982), p. 50.

2. James HURLEY, *Man and woman in biblical perspective* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 32.

* Os casamentos eram acertados pelo chefe ou cabeça da família. É interessante notar que estes "matrimônios arranjados" eram promovidos para os filhos e para as filhas.

* A lei israelita era a única que tinha uma provisão clara de proteção para as viúvas, para órfãos, para os estrangeiros e para os pobres, independente do seu sexo (Lv 19).

* Também para as filhas mulheres havia uma provisão legal quanto à segurança de sua herança.

* Israel também tinha, como padrão para harmonia religiosa, a proibição da prostituição sagrada, bastante comum no Oriente Médio Antigo (Dt 23.17-18).

* A lei, a cada ano sabático, deveria ser lida diante da congregação, que era composta por homens, mulheres e estrangeiros (Dt 31.10-12).

* Embora houvesse uma grande valorização da função doméstica da mulher, da mulher como esposa e mãe, havia um claro reconhecimento de suas capacidades e possibilidades

em outras áreas (Pv 31).

* As mulheres jamais foram consideradas indignas de relacionamento pessoal com Deus, mesmo porque nos ritos de purificação ninguém as representava diante de Deus, nem mesmo os seus maridos. Elas mesmas deveriam se apresentar (Lv 12.6; 15.29).

* Há exemplos significativos de mulheres com ofícios públicos: Débora, Miriam, Hulda, Rute, Ester...

* Nem mesmo Atalia, que se tornou rainha pela usurpação do trono, é condenada pelo fato de ser mulher.³

Apesar destas características singulares da sociedade de Israel, há também algumas dimensões que não podem ser desconsideradas:

* Uma dificuldade está relacionada com a subordinação legal imposta às esposas e filhas. O texto de Números 30 mostra que o cabeça da família poderia até mesmo anular compromissos assumidos por aqueles que estivessem sob sua responsabilidade. Contudo, este costume parece estar relacionado à responsabilidade social do cabeça da família, e não à incapacidade ou inferioridade dos descendentes.⁴

* Um aspecto nitidamente discriminatório está relacionado ao período de purificação da mulher após o parto. Se a criança fosse homem, este período era de apenas trinta e três dias; se fosse mulher, era de sessenta e seis dias (Lv 12.1-5).

Mesmo considerando estas dificuldades, podemos concluir, com razoável segurança, que o Antigo Testamento não corrobora a idéia de que a mulher é inferior ao homem. Ao contrário, há um reconhecimento de sua capacidade, idoneidade, inteligência e até mesmo uma expectativa de que a mulher ideal seja

3. Idem, *ibidem*, p. 48.

4. Idem, *ibidem*, p. 44.

capaz de grandes feitos.

O grande problema é em relação ao exercício da função sacerdotal. Não há lugar para a mulher neste ofício. Esta proibição, porém, certamente não tem cunho "machista", no sentido que este termo recebe em nossos dias. Isto porque não era qualquer homem que poderia exercer esta função. Somente os homens descendentes de Arão e fisicamente perfeitos estavam habilitados para exercer tal função. Todos os outros homens estavam proibidos, juntamente com as mulheres. Ora, uma vez que o chamado de Arão se deu não pelo fato de ser superior aos outros, mas sim, por indicação divina, nem os homens impossibilitados de exercerem o sacerdócio eram inferiores e nem as mulheres. O que aparentemente acontece, aqui, é que a própria lei e as normas que regulamentam o exercício do sacerdócio estabelecem esta exigência de limitação ou eliminação dos não aptos à função, sejam eles homens ou mulheres.

Portanto, apesar destes resquícios específicos, as deformações no relacionamento homem-mulher não são fruto nem promoção da lei de Deus. O Antigo Testamento reconhece, promove, estimula e abre espaços para a mulher ser, juntamente com o homem, a executora do projeto divino.

3 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO NOVO TESTAMENTO

As expressões da cultura judaica, na época em que foi escrito o Novo Testamento, tomaram rumos quase que opostos aos do ensino do Antigo Testamento. Apesar do claro ensino quanto ao potencial e o valor da mulher, houve um afastamento consciente e deliberado por parte da liderança religiosa e política, criando um estado de opressão e desvalorização inaceitáveis. Embora não exista, por parte de Jesus, nenhuma afirmação exclusiva e direta em relação a este afastamento, as suas atitudes, palavras e tratamento dispensado às mulheres refletem que ele não se enquadrava dentro do pensamento vigente de sua época.

A fim de percebermos claramente este contraste, vejamos inicialmente algumas afirmações sobre a mulher, provenientes dos ensinamentos rabínicos da época de Jesus: o historiador Josefo afirma que "a mulher é inferior ao homem em todos os sentidos".⁵ O filósofo Filo entende que as "atitudes do homem provêm da razão, enquanto que as da mulher provêm da sensualidade (sentimento).⁶ Mostra-se, pois, claramente, que a opinião destes homens não são coerentes ao conteúdo do Antigo Testamento. Ao contrário, suas conclusões são até mesmo opostas à Escritura.

Ben-Sirac, embora reconheça algumas qualidades na mulher, ao analisar seus defeitos e suas maldades responsabiliza-a pela desgraça do homem, como se

5. Idem, *ibidem*, p. 61.

6. Idem, *ibidem*, p. 61.

este não tivesse responsabilidade pelas suas próprias atitudes (Ec. 26). É interessante notar, aqui, que, além da clara discriminação sexista, a avaliação ou a opinião sobre a mulher tem o homem como paradigma. Quando se fala da mulher sempre se o faz em comparação com o homem.

Como estes escritores chegaram a estas conclusões? É provável que o papel de submissão que se esperava da mulher na sociedade patriarcal tenha se deteriorado até o ponto dela ser considerada inferior. Isto, associado à pobre visão que a cultura grega tinha sobre a mulher, ajuda-nos a compreender os pontos de vista distorcidos a respeito do projeto do Reino de Deus.

Com o avanço do domínio romano há uma melhora considerável nas oportunidades e no tratamento dispensado às mulheres. Muitas podiam trabalhar, ter seus próprios negócios e viver uma vida pública normal.

Ao analisarmos o ensino no Novo Testamento, acerca da mulher, é preciso reconhecer esta situação de transição cultural, para apreciarmos com profundidade aquilo que queremos descobrir.

3.1 - A vinda de Jesus Cristo

A vinda de Jesus Cristo ao mundo inaugurou a era do Reino de Deus. Com o nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo foi inaugurado, definitivamente, o período da redenção. Isto significa que a vida de Jesus foi, é e sempre será um profundo desafio as nossas compreensões, valores, cosmovisões e estilos de vida limitados. A nossa expectativa é também que, ao conhecermos e entendermos claramente o ensino de Cristo, busquemos intensamente obedecê-lo, o que nos levará à saúde e à transformação. Da mesma forma que o ensino do Senhor confrontou e desafiou as situações de sua época, deverá este mesmo ensino produzir efeitos renovadores entre nós.

Analisemos, inicialmente, alguns encontros de Jesus com mulheres. O primeiro a chamar atenção é o encontro com a mulher samaritana (Jo 4). Há um contraste incrível entre o encontro de Jesus com esta mulher e aquele que o precede, quando o mestre se encontra com Nicodemos. Enquanto Nicodemos procurou Cristo à noite e não conseguiu compreender o que Cristo lhe dizia, a mulher samaritana teve seu encontro de forma pública, em plena luz do dia. Tudo indica que ela entendeu perfeitamente as palavras do Senhor. É extraordinário que não haja, por parte de Cristo, nenhum indício de dificuldade pelo fato de ela ser mulher. Aliás, foi Jesus quem iniciou a conversa.

Outro encontro surpreendente foi aquele que teve lugar na casa de Simão, o fariseu (Lc 7). Simão jamais teria permitido que uma mulher prostituta sequer o tocasse. No entanto, Jesus não só permite que ela o toque como usa o evento para deixar claro o quanto a fé daquela mulher era sincera e poderosa; ao passo que Simão, tão correto, não havia nem mesmo cumprido o cerimonial mais comum dispensado aos visitantes, ou seja, proporcionar que estes lavassem as mãos.

Em outras duas circunstâncias Jesus elevou as mulheres à mesma posição

que os homens. Em Mateus 12, ao responder a um chamado familiar, Jesus declara que faz parte de sua família "todo aquele que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe". Jesus classifica todos na mesma categoria, em suas palavras não há nenhum sinal de indicar inferioridade ou superioridade a determinado gênero de pessoas. Essa afirmação de Jesus ganha ainda mais força quando se percebe que ele não a fez em lugar restrito; ao contrário, esta declaração foi feita numa reunião pública, com um auditório composto por homens e mulheres.

O outro encontro foi com a mulher encurvada, numa sinagoga. O Senhor, ao vê-la, curou-a. Ela, imediatamente, começou a glorificar a Deus. Houve indignação por parte de alguns líderes, pois era sábado. Jesus, então, confrontou o chefe da sinagoga, mostrando que os judeus tratavam os seus animais melhor do que esta filha de Abraão. A expressão "filho de Abraão" era motivo de grande orgulho para um judeu;⁷ e, ao usar esta expressão, Jesus demonstrou a importância e o valor da mulher.

Por último, analisemos como Cristo encarava o aprendizado para as mulheres e o envolvimento delas com o seu ministério. Na conhecida passagem de Lucas 10.38-42, Jesus aprova a atitude de Maria, que ousadamente sentou aos seus pés, como era costume dos discípulos naquela época. Diferentemente do que seria esperado, Jesus valoriza a atitude de Maria, em contraposição à atitude padrão de Marta, que se ateu aos afazeres de casa. É também Lucas, no capítulo 8, que relata a participação de mulheres entre os que seguiam Jesus durante suas viagens e ministério. Elas, certamente, também participavam do ministério, e, principalmente, aprendiam.

A partir, pois, dos posicionamentos de Jesus, podemos afirmar que no Reino de Deus há um equilíbrio e uma distribuição igualitária de dons e funções, independente de sexo.

3. 2 - A posição dos apóstolos

Depois de examinarmos com cuidado os princípios que regeram a atitude de Jesus a respeito da relação masculino-feminino, analisemos como estes princípios se desenvolveram com os apóstolos.

Primeiramente, encontramos mulheres reunidas, juntamente com homens, à espera de pentecostes (Atos 1.13,14). Havia uma harmonia e esperança comuns face ao poder que viria sobre todos, sem distinção. Em seguida, ainda nos primórdios da formação da igreja, houve um problema relacionado ao cuidado dispensado às viúvas. Surge, então, um grupo de assistência às viúvas. Isto é significativo porque, neste caso, as irmãs prejudicadas não eram judias. Ao contrário de tratarem o problema com displicência, os apóstolos convocaram uma assembléia e escolheram pessoas (diáconos) para administrar a questão.

Nas cartas, especialmente nas de Paulo, encontramos um verdadeiro

7. *Idem, ibidem*, p. 87.

exército de mulheres como auxiliadoras, servidoras, diaconizas, evangelistas, discipuladoras, etc. Estas mulheres ocuparam posição de destaque e liderança no ministério de igrejas locais. Tudo indica que, para Paulo, uma companheira de viagem e de trabalho precisava ter muita fé, disposição e certeza de seu chamado, da mesma forma que qualquer homem que o acompanhasse. Paulo, inclusive, rejeita João Marcos como companheiro de viagens, enquanto tece elogios a um significativo número de irmãs. Prisca, esposa de Áquila, é o exemplo clássico, pois ela não só trabalhou com Paulo na formação de igrejas, mas também na "micro-empresa" que eles desenvolveram.

Há, ainda, algumas referências quanto à atuação e envolvimento de mulheres na vida das igrejas, o que mostra a liberdade e o reconhecimento que elas recebiam entre os membros da igreja primitiva. O texto de Atos 21 menciona quatro filhas de Felipe que exerciam o ministério da profecia. Paulo faz referência ao mesmo ministério em 1 Coríntios 11. Em ambos os textos, não há nenhuma dificuldade no fato de que mulheres estavam exercendo este ministério. Outro texto bastante esclarecedor é Romanos 16, onde Paulo faz referência a várias mulheres. Ao apresentar Febe, o apóstolo o faz usando o termo comumente empregado para descrever o ofício diaconal nas cartas pastorais. Ainda mais contundente é a afirmação de Paulo no verso 7, onde menciona Andrônico e Junias, respectivamente homem e mulher, como notáveis entre os apóstolos.

Como podemos perceber, há muita liberdade de ação, envolvimento, participação e até mesmo ocupação de funções de destaque no seio da igreja primitiva, por parte das mulheres.

4 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A tarefa de buscarmos compreensão e clareza do contexto no qual vivemos é das mais difíceis. Até certo ponto, é mais fácil analisar textos e documentos do passado do que avaliar o nosso próprio momento histórico. Porém, o esforço aplicado no estudo das fontes e documentos que falam dos fundamentos de nossa fé não terá valor algum se não puder fornecer parâmetros para a avaliação de nossa prática atual e nos desafiar para uma obediência a Deus, em busca de saúde e obediência.

Vivemos dias peculiares na história da humanidade.

O progresso tecnológico, os meios de comunicação social e a facilidade no inter-relacionamento cultural têm criado uma espécie de cultura global, atingindo a todos os povos. Sociólogos, antropólogos e cientistas sociais trabalham incessantemente na tentativa de explicar este processo universal. Raramente um fato relevante acontece, em qualquer lugar do mundo, sem que quase simultaneamente todos sejam informados.

Este inter-relacionamento tem promovido uma interferência cultural

entre os povos, nem sempre positiva.

No que concerne à relação masculino-feminino, as mais diversas culturas têm apresentado tentativas de solução e paradigmas interpretativos.

Temos, hoje, por exemplo, conhecimento de como as mulheres são tratadas no Oriente Médio e nos impressionamos com a forma repressiva à qual são submetidas. Diante de tamanha repressão, orgulhamo-nos da forma "liberal", "aberta" e "sem preconceitos" com que tratamos as mulheres na cultura ocidental. Não é difícil notar que a razão deste orgulho se baseia na comparação que os próprios ocidentais fazem entre si e outras culturas.

A análise míope da realidade e a postura liberal nos impedem de observar alguns problemas da cultura ocidental comuns à cultura oriental. Nos países ocidentais desenvolvidos a discriminação ainda é evidente. Mesmo depois da atuação de movimentos feministas, o acesso das mulheres a certas posições é extremamente difícil. Nos países do Segundo e Terceiro Mundo a realidade de discriminação é ainda mais gritante. O número de mulheres exploradas, usadas, abandonadas e oprimidas é acentuado pelo profundo grau de pobreza e miséria que caracterizam estes países.

É preciso perceber que a pobreza e a miséria que nos assolam não é apenas econômica. A dimensão econômica tem, sem dúvida, um peso determinante na forma como a sociedade avalia, decide e vê a si própria. Porém, sem reconhecermos a decadência moral e a cosmovisão desvinculada de Deus, adotada pelo mundo ocidental, falharemos na análise de aspectos importantes da situação contemporânea.

A cosmovisão de nossa sociedade é extremamente materialista e imediatista. O valor primordial mais propagado é "tirar o maior proveito do agora". Não se pode perder as oportunidades. Quase todas as coisas são avaliadas pela aparência e pela posse. A construção e formação de valores, a cultura, o caráter, que não são bens negociáveis, são cada vez mais desprezados. A eternidade, o relacionamento com Deus, o envolvimento e a dependência de uma dinâmica espiritual são tidos como imaturidade. Este conjunto de fatores tem sido terreno fértil para o desenvolvimento do problema moral da sociedade ocidental, que, ilusoriamente, é tido como libertador.

Uma vez que as barreiras do comportamento social estão sendo transpostas, a mulher tem tido livre acesso a qualquer lugar, a qualquer hora. Esta liberdade mudou a expectativa quanto ao comportamento feminino, de tal forma que hoje não existem atitudes e comportamentos específicos para a conduta feminina. O que esta liberdade estabeleceu foi um nivelamento de atitudes. Ao invés de se elevar, valorizar e moralizar as atitudes e o comportamento dos homens, fez-se o contrário com o das mulheres. Houve uma desmoralização, que se evidencia, de forma gritante, na área do trabalho profissional onde a mulher, sem perceber, tem sido iludida pelas aparências e está cada vez mais submetida à opressão, ao abuso e à humilhação.

Mesmo com a influência dos movimentos feministas, é comum se encontrarem mulheres inseridas no mercado de trabalho recebendo salários inferiores ao que ganharia um homem na mesma função. É também de livre aceitação a idéia de que a mulher que chega a posições de destaque o obtém por saber utilizar os seus dotes físicos. A mulher que assim procede, inclusive, é tida como inteligente e esperta. No caso de algumas atividades profissionais, como a de artista, modelo, cantora, a mulher não tem muitas chances de sucesso sem a submissão a este esquema imoral.

No restrito espaço de atuação evangélica a situação não é muito diferente. O que as mulheres tem feito é apenas aquilo que lhes é permitido ou que interessa aos homens que elas façam. Elas podem ajudar na educação das crianças, afinal, "criança é coisa de mulher mesmo". Podem auxiliar na assistência aos necessitados, pois a mulher é naturalmente mais compassiva. Ela pode organizar as atividades sociais da igreja, porque disto as mulheres gostam. Poucas vezes vemos mulheres atuando em áreas de destaque e de liderança espiritual como o ensino, oração, pregação, etc. Ela não fala, não ora, não ensina, não lidera, não toma decisões. Quando oportunidades são oferecidas, há dificuldade em serem desempenhadas, pois elas estão presas a uma tradição muito forte.

O que demonstra tudo isso? Demonstra uma desvalorização da mulher, ainda que inconsciente. Esta breve reflexão sobre a sociedade e a igreja contemporâneas nos leva a concluir que, apesar de todo o desenvolvimento de nossos dias, a relação masculino-feminino continua muito distante do projeto de restauração inaugurado por Jesus Cristo. Espero, portanto, que este ensaio nos ajude a refletir não somente a posição da mulher na igreja, mas também sua atuação na sociedade em geral.

5 - A RELAÇÃO MASCULINO-FEMININO NO REINO DE DEUS

Quero propor que, à luz da visão do Antigo Testamento, Novo Testamento e sociedade contemporânea discorridas neste trabalho, busquemos uma postura para a igreja que seja restauradora e promotora de saúde através da obediência. Para tanto, entendo que, mais importante do que encerrar com conclusões fechadas e definitivas, é preciso estabelecer uma agenda de atitudes, preocupações, estudos e mudanças a serem alcançados.

* O que é igualdade? É necessário muito cuidado para não se incorrer no constante equívoco de usar o masculino como padrão. Quase sempre, ao se pensar em igualdade, imagina-se a mulher se moldando ao protótipo chamado homem.

* Em consonância à observação anterior, é preciso reconhecer as capacidades e qualidades da mulher. Por mais irônico que possa parecer, nos textos mais usados para se reprimir a atuação da mulher se pode destacar e perceber as qualidades e capacidades que Deus a ela concedeu.

* Não se pode desprezar aspectos econômico-sociais na análise da relação

masculino-feminino. Ao lado disso, faz-se mister valorizar a mulher enquanto pessoa integral, criada à imagem e semelhança de Deus.

* Entendo serem de grande importância algumas definições com relação à vida eclesial, no que diz respeito a papéis, cargos, funções e ministérios. Precisa-se resgatar uma filosofia de ministério baseada não nos moldes atuais masculinizados, mas fruto de uma reflexão das necessidades da igreja e dos dons legados por Deus para supri-las. É preciso pensar qual o lugar da mulher na igreja; que tipo de ministérios relevantes podem e devem elas assumir. Cabe, aqui, um desafio profético de libertação para um envolvimento significativo da mulher nos ministérios da igreja.

* Talvez, o que mais precise de renovação, na área do relacionamento masculino-feminino, seja a família. Estou convencido de que a proliferação da literatura de edificação familiar não tem promovido crescimento nem desafios ao modelo tradicional. É tarefa urgente a criação de uma pastoral da família, onde diversas dimensões do relacionamento familiar sejam tratadas, onde posições e atitudes seculares sejam ousadamente confrontadas.